

A RELAÇÃO ENTRE AS ESCOLAS RADIOFÔNICAS E O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NA DÉCADA DE 1960

Maria Carolina Xavier da Costa¹

Na década de 1950 o governo federal diagnosticou que o analfabetismo era um obstáculo ao desenvolvimento do Brasil e a partir disto passou a fomentar experiências, métodos e cursos que promovessem a educação de massa e a reformulação da educação nacional, com a disseminação da cultura escrita, tentativa de erradicação do analfabetismo funcional e o aumento do número de estudantes nas escolas. Neste momento, devido às mudanças na Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos (CNAA) surge por meio de uma articulação do MEC com as editoras e com a Igreja Católica uma perspectiva de conscientização e politização das massas, representada, por exemplo, pela disseminação das histórias em quadrinhos que, no intuito de apresentarem as grandes figuras do Brasil, produziram histórias de santos católicos como importante recurso didático e pela criação já em 1961 do Movimento de Educação de Base (MEB), uma parceria do governo com a CNBB.

Nosso trabalho propõe-se a discutir as origens dessa conscientização e politização ao tomar como estudo de caso as Escolas Radiofônicas do Rio Grande do Norte na década de 1960 por elas serem o centro do Movimento de Natal, movimento social católico praticamente desconhecido pela historiografia e responsável por responder às demandas sociais deste estado após a Segunda Guerra. Fazemos notar que o MEB foi uma ampliação a nível nacional da experiência norte-rio-grandense com as Escolas Radiofônicas. Neste sentido, nosso objetivo é analisar as ideias disseminadas nos materiais produzidos pelo MEB e relacioná-las às Escolas radiofônicas, pensando as tensões entre a realidade local e a nacional.

Para alcançar este objetivo, analisaremos uma cartilha feita pelo MEB que tinha por intuito apoiar as atividades educativas via rádio, buscando a promoção da formação política, social e educacional da população por meio de seu material didático-pedagógico.

Palavras-chave: Movimento de Educação de Base (MEB); Movimento de Natal; Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos (CNAA).

¹ Bacharelada em História/Bolsista PIBIC CNPQ/UFRN

ABSTRACT

A RELAÇÃO ENTRE AS ESCOLAS RADIOFÔNICAS E O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NA DÉCADA DE 1960

In the 1950s the Brazilian government has diagnosed that illiteracy was an obstacle to the development of Brazil and from this came to foster experiences, methods and courses that promote mass education and reformulation of national education, with the spread of written culture, attempt to eradicate functional illiteracy and increasing the number of students in schools. At this time, due to changes in Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos (CNAA) arises through a joint MEC with publishers and with the Catholic Church a perspective of conscientization and politicization of the masses, represented, for example, produced stories of Catholic saints as important resource for creating and already in 1961 the Movimento de Educação de Base (MEB), a government partnership with the CNBB.

Our work proposes to discuss the origins of this conscientization and politicization by taking as a case study the Escolas Radiofônicas of the Rio Grande do Norte in the 1960s because they're the center of the Movimento de Natal, Catholic social movement virtually unknown by the historiography and responsible to respond to social demands of this state after World War II. We note that the MEB was an extension at national level of the Rio Grande do Norte experience with Escolas Radiofônicas. In this sense, our goal is to analyze the ideas disseminated in the materials produced by the MEB and relate them to the Escolas Radiofônicas, considering the tensions between the Local and the and National.

To accomplish this, we will analyze a primer made by the MEB which was meant to support the educational activities via radio, seeking to promote the political, social and educational background of the population through its didactic and pedagogical material.

Key words: Movimento de Educação de Base (MEB); Movimento de Natal; Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos (CNAA).

A RELAÇÃO ENTRE AS ESCOLAS RADIOFÔNICAS E O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NA DÉCADA DE 1960

O analfabetismo no Brasil é um problema que caminha conosco há muitos anos atrás. A própria UNESCO, diagnosticava um acentuado índice de analfabetismo, principalmente entre os adultos, em locais que eram considerados por ela como regiões atrasadas, que recebiam essa denominação por conta da situação de seu espaço e da própria estrutura das famílias, pois não conseguiam estudar e ter uma melhoria de vida (FAVERO, 2006), contudo podemos acentuar algo curioso: as décadas de 1950 a 1960 são especiais, devido ao número de analfabetos que nos seus anos anteriores estava elevado e foi caindo. Para ter uma noção quantitativa, Alceu Ferraro em seu livro ‘História inacabada do analfabetismo no Brasil’, levanta números interessantes: “a década 1950/60 apresenta uma redução de 11,8 pontos percentuais na taxa percentual de analfabetismo (de 51,5% para 39,7%): uma redução 2,3 vezes superior à verificada na década anterior.” (FERRARO, 2009, p. 92).

Uma das justificativas para que isso tenha acontecido foi por conta da criação dos programas nacionais de educação de adultos. Segundo o historiador da educação Osmar Fávero (2006) cada programa feito deveria ser pensado a partir dos problemas da maioria da sociedade, sendo objetivos e práticos, pois deveriam facilitar e focar no desenvolvimento do povo. A partir disto foi criado no Brasil a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA - 1947). Ela foi o primeiro grande movimento de alfabetização de massa do Brasil, sendo substituída pela Campanha Nacional de Educação Rural (CNER – 1952) que tinha por objetivo expandir a educação para o âmbito rural e o Sistema Radio Educativo Nacional (SIRENA - 1958), estando a Igreja Católica atuante nesses projetos.

Outro fator que pode ter justificado a redução do índice de analfabetismo funcional foram as mudanças ocorridas na Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos (CNAA). Ela surge por meio de uma articulação do MEC com as editoras e com a Igreja Católica, disseminando a perspectiva de conscientização e politização das massas através dos livros didáticos e da implantação das Histórias em Quadrinho. Além disso investiam na necessidade do emprego de mais professores e na abertura de outros cursos de alfabetização. O investimento nos quadrinhos e as demais novidades da CNAA, segundo Renato Amado (2015) seria uma nova perspectiva de educação de massa que se unia as ações da educação de rádio promovidas pela SIRENA e viria a anteceder o que o Movimento de Ação e Base (MEB) promoveria em 1961.

Além disso, o conceito de analfabetismo no censo de 1960 mudou, quando pensavam em analfabetos não mais perguntavam “Sabe ler e escrever”, questionavam somente “Sabe ler?”, sendo assim a taxa da queda também pode ter como justificável este aspecto, contudo é mais justificável pensar na queda do analfabetismo através dos programas que foram apoiados pelo governo em prol a população analfabeta que era considerada “marginal, incapaz, dependente” (FERRARO, 2009, p 94).

Devemos ter em mente que na década de 1950/60 o Brasil foi marcado pela presença de movimentos sociais ligados ao analfabetismo e a alfabetização, como a CEAA, CNER, SIRENA, CNAA e o MEB que visavam o desenvolvimento do homem, pensando nisso trabalharemos as origens do conscientizar e do politizar tomando como estudo de caso as Escolas Radiofônicas do Rio Grande do Norte. Estas são consideradas as raízes do MEB e nasceram durante o Movimento de Natal, um movimento social católico gerado após a Segunda Guerra Mundial.

Analisaremos as ideias difundidas em uma cartilha do MEB de 1963 que já foi analisada por Osmar Fávero, mas procuraremos perceber como era trabalhada no material didático os pilares de educar, influenciar e evangelizar e como isso intervia na conscientização e politização do povo. Estruturamos nosso trabalho falando primeiramente sobre as origens da educação de rádio, através dos programas criados pelo governo como a SIRENA, entraremos então nas escolas radiofônicas norte-rio-grandenses como um caso em particular e só depois debateremos sobre o MEB e analisaremos uma de suas cartilhas. Para a construção deste trabalho foram utilizados os textos ‘Uma pedagogia da participação popular’ de Osmar Fávero, ‘Escolas Radiofônicas de Natal – Uma história construída por muitos (1958-1966) organizado por Marlúcia Menezes de Paiva, ‘História inacabada do analfabetismo no Brasil’ e ‘Igreja e Desenvolvimento – O Movimento de Natal’ de Alceu Ferraro, também foi trabalhado o livro de mesmo nome de Cândido Procópio e o texto ‘Quadrinhos e Educação em 20 olhares’ de Renato Amado Peixoto.

EDUCAÇÃO DE RÁDIO

Em um país imenso como o Brasil a disseminação de informações poderia ser uma barreira em tempos anteriores, contudo tal problema poderia ser resolvido com o uso do rádio, este meio de informação seria empregado também para promover ações educativas, principalmente em lugares que faltavam professores, como nos casos das cidades rurais. A história da educação por rádio vem muito antes da criação do Movimento de Educação de

Brasileira (MEB). Segundo Osmar Fávero (2006), em 1926 Roquette Pinto² elaborava um plano de radioescola na capital de estado que seria o centro e nos municípios haveria rádio-escolas municipais retransmissoras. Em 1934 foi criada a primeira radioescola municipal e em 1937 para ampliação do capital foi feita uma transferência de bens da Rádio Sociedade Do Rio de Janeiro, dirigida por Roquette Pinto com o Ministério da Educação e Saúde que criou a PRA -2, Rádio Ministério da Educação e o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE).

Em 1950 Benjamin do Lago³ ampliou uma campanha de educação popular pelo rádio, no qual se existia dois princípios o rádio e uma rede de núcleo receptor, que tinha o papel de uma escola. Em 1957 foi contratado pelo Ministério da Educação e Cultura o professor João Ribas da Costa que organizou o Sistema Radio Educativo Nacional (SIRENA) funcionando em 1958, esse programa gravava as aulas e distribuía para outras emissoras e editava a Radiocartilha. Ele se desenvolve tanto que chegou ao interesse das emissoras católicas, a partir disto elas passaram a fazer convênios, mas a pergunta que surge em nossa mente é como eram organizadas as escolas através dessas coadunações? “O mecanismo normal para criar escola consistia na distribuição de receptores pelos párocos, que se encarregavam de escolher e apoiar os monitores” (FAVERO, 2006, p.37).

Esses passos deram abertura para a ação do MEB, sendo assim a atuação do rádio como ferramenta de difusão da educação e da conscientização humana tem raízes muito anteriores a 1961 e a sua articulação com o governo também segue essa linha juntamente com o trabalho conjunto entre Igreja Católica, governo e rádio organizado em 1958.

ESCOLAS RADIOFÔNICAS DO RIO GRANDE DO NORTE E O MOVIMENTO DE NATAL

O estado do Rio Grande do Norte foi um ponto territorial de importância para os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, por sua vez, esses aproveitaram o posicionamento estratégico, e se estabeleceram nessas terras montando rapidamente uma Base Aérea que ficava mais precisamente em Parnamirim, comumente chamada de “Trampolim da Vitória”, tais fatos começaram a acontecer após uma reunião que ocorreu no Rio de Janeiro com os Chanceleres americanos, pela qual foi decidido o fim do apoio brasileiro aos países do

² Fundou juntamente com Henrique Morise a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Elaborou o primeiro plano para solucionar o problema da educação através do rádio. Atualmente é considerado o pai da radiodifusão no Brasil.

³ Professor que empenhou seus estudos na área de radiodifusão.

Eixo, rapidamente foi instalada em Natal uma Base Naval pela força brasileira, esta cidade era responsável por acomodar a grande leva de americanos que precisavam se instalar em solos norte-rio-grandenses. A datação da construção dessas bases corresponde aos anos de 1941 e 1942. A circulação dos estadunidenses nessas terras fez com o dólar entrasse em uso, e ele passou a ser mais utilizado do que a moeda local, de fato a cidade passou por momentos prósperos. Contudo esse período de “falsa bonança” não permaneceu por muito tempo, pois a Guerra chegou ao fim, os americanos foram embora, a cidade não conseguiu sustentar seu padrão sem circulação do dólar e a atividade militar diminuiu drasticamente o que ajudou a engrossar a taxa de desemprego e elevar o custo de vida. As ruas foram caracterizadas por um acentuado número de delinquentes, mendigos e prostitutas, falta de energia, água, assistência médica, escolar e de segurança. Devemos levar em consideração que a saída dos americanos não foi a causa da precária situação da cidade, mas esse fator serviu para amplificar algo que era sentido por muitos anos, pois Natal e o Rio Grande do Norte sofriam com a miséria que também afetava quase todos os estados do Nordeste. (FERRARO, 1968)

Para ajudar a mudar o quadro de calamidade não só no âmbito urbano, mas também no rural a Igreja Católica promoveu uma ação conhecida pela historiografia como o Movimento de Natal, que conseguiu movimentar aspectos religiosos, sociais e políticos. Para Alceu Ferraro (1968) temos de modo representativo o início do Movimento datado como sendo de 1948, logo após o fim da Base estadunidense, contudo é bastante complicado definir um recorte temporal para um movimento, principalmente para este, pois se entende que pode ter ocorrido ações anteriores. O autor salienta que a atuação do Movimento foi marcada pela presença das forças da Juventude Feminina Católica, liderada por Padre Nivaldo e da Juventude Masculina Católica cujo seu líder foi Padre Eugênio, houve também a criação do Serviço de Assistência Rural.

No que se trata da fase rural, há uma movimentação da Igreja com a educação de base, na qual os padres realizam um trabalho que envolve a Escola-Paróquia, fundamentada nos seguintes aspectos, Líder, Grupo, Comunidade. Os padres perceberam a necessidade de expandir os trabalhos do Movimento para o meio rural, sendo assim o espaço no qual o movimento atua vai mudando de cenário, ele não mais se centra no urbano e por conta do combate contra o êxodo rural e os problemas que essa região sofria a igreja volta suas atenções para esse espaço.

Deste ponto em diante portas foram abertas para a criação do SAR em 1949, com a ajuda da Juventude Masculina Católica (JMC). Uma ideia que foi aplicada neste momento, mas que é anterior ao Movimento foi o “Volante da Saúde”, na qual médicos e dentistas

percorriam o meio rural para dar assistência aos necessitados. Também pensavam em uma ação envolvendo a educação no rádio. E aos poucos o SAR iniciou suas atividades com a Semana Rural e a Missão Rural. Em 1963 o SAR foi dividido por setores, o de conscientização e educação, pelo qual estava contida a Escola Radiofônica que vinha a se tornar o MEB, migração, centros sociais, treinamento de líderes, ensino médio e politização. No segundo setor que era o de ação imediata encontramos Cooperativismo, sindicalismo rural, colonização, artesanato e saúde.

As Escolas Radiofônicas no Rio Grande do Norte surgem de uma iniciativa feita por D. Eugenio de Araújo Sales, após ter viajado para a Colômbia ele percebeu que a experiência de rádio na paróquia de Sutanteza foi bem sucedida, então em setembro de 1958 por meio do SAR elas são fundadas, para que isso fosse possível deveria existir o rádio, a professora, o monitor e em 20 de setembro de 1958 a primeira aula foi emitida por Carmen Fernandes Pedroza⁴. Os rádios eram trazidos da Holanda se caracterizavam por ser objetos enormes pelos quais os alunos se reuniam durante a noite para ouvir as aulas, estando na casa do monitor, em um alpendre ou terreno, o que importava mesmo era ter uma lamparina, um rádio e a força de vontade para aprender. Os monitores eram pessoas escolhidas pela Emissora de Educação Rural, deveriam auxiliar a professora, seu trabalho era voluntário e o grau de escolaridade baixo. As escolas radiofônicas foram atingindo seus objetivos e tomando proporções enorme, fazendo com que os alunos desenvolvessem cada vez mais seu grau de educação, chegando a um ponto em que não mais se satisfaziam com os programas de alfabetização, foi tomada então a decisão de criar outra turma, não mais se tinham como objetivo somente ensinar a ler e escrever, mas também retirar temáticas relacionadas a vida deles que deveriam ser debatidas fazendo com que eles conseguissem ler o mundo ao seu redor tomando consciência e politização. Os alunos enviavam muitas cartas para a central falando a respeito do programa, elogiando, tirando dúvidas e para criar um diálogo entre ambos foi fundado outro programa chamado “Conversa monitores e alunos”, neste a equipe central respondia as cartas enviadas. Ampliaram também o número de pessoas trabalhando, as áreas de abrangência dos programas e as formações para os monitores, contudo a situação era precária principalmente para que os formadores pudessem se locomover, mesmo assim ninguém desistia de continuar lutando pela educação do povo rural. (PAIVA, 2009).

Nos deparamos com um Movimento de Natal que deu origem as escolas radiofônicas e essas passaram a ter um objetivo de ensinar a ler, escrever e a pensar, ou melhor conscientizar

⁴ Na época era mestra do município de Natal e professora dos colégios públicos Escola Normal de Natal, Escola Industrial de Natal e Atheneu Norte-Rio-Grandense.

e politizar aqueles que não tinha acessibilidade à esse tipo de formação, a partir destes pensamentos surge um Movimento de âmbito nacional chamado MEB que consegue caminhar com as ideias iniciais das simples escolas radiofônicas.

O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE - MEB

Como vimos na cidade de Natal as escolas radiofônicas tiveram um bom desempenho, segundo o livro *Escolas Radiofônicas de Natal* organizado por Marlúcia Menezes de Paiva (2009), em 1960 aconteceu o primeiro Seminário de Educação de Base em Aracajú⁵ e foi patrocinado pela Representação Nacional das Emissoras Católicas (RENEC), desde evento surgia a proposta de criar o Movimento de Educação de Base, após isso foi enviada uma carta para o Presidente Jânio Quadros em nome da CNBB para que fosse realizado um vínculo entre Igreja Católica e Estado. A proposta foi aceita e em 21 de março de 1961 o Governo Federal estabelece o envio de recursos para que o MEB fosse de fato posto em prática mediante a execução que seria de responsabilidade da CNBB. Mas surge uma questão, como funcionava a organização desse Movimento?

Para coordenar o Movimento existia a Equipe Nacional, cuja sede era no Rio de Janeiro, as Equipes Estaduais e a Equipe Local e cada um delas era formada por leigos. Segundo Osmar Fávero (2006) existia os monitores das comunidades, esses deveriam saber ler e escrever e eram responsáveis por fazer a chamada, matrículas, auxiliar os alunos e dentre outras, tal trabalho era voluntário. As acomodações para a aula eram simples, os alunos ficavam em uma sala que poderia ser um galpão, a casa do monitor, salas paroquiais ou até fazendas. Nesse local deveria existir a mesa, cadeiras, um lampião, quadro, giz e principalmente o rádio. As transmissões eram feitas durante a noite, tais aspectos fazem-nos remeter as escolas radiofônicas iniciais. Mas qual seria o objetivo do MEB? Segundo o livro de Marlúcia Menezes de Paiva:

“O MEB foi criado com o objetivo maior de cooperar na formação integral de adultos e adolescentes, nas áreas subdesenvolvidas do país, e propiciar elementos para que essas camadas da população tomassem consciência de sua dignidade de criatura humana, transformando-se em agente do processo de mudança da realidade em que vivia. Esse movimento tinha seus objetivos embasados em planos fundamentais, denominados de *Conscientização, Motivação de Atitudes e Instrumentização.*” (PAIVA, 2009, p.60)

A partir disto entendemos que o MEB objetivava aos alunos uma aprendizagem de leitura, escrita e consciência do mundo que está ao ser redor, instruindo para que ele pudesse

⁵ Vale salientar que a cidade de Aracaju também foi marcada pelo bom êxito das escolas radiofônicas, em 1959 foi iniciado o trabalho por D. José Vicente Távora.

construir seu caráter e sua educação em meio a comunidade em que vivia, além disso, estimulava a inserção do aluno nas campanhas como as de fossa, vacinação, filtro, registro civil e nos trabalhos comunitários como clubes. A partir do MEB a conscientização foi ampliada, era como se ela estivesse contida na educação, passando o homem a entender o seu posicionalmente em relação ao mundo, ele passou a ter consciência de que ele era sujeito da sua história de sua vida, entendendo o mundo que estava ao seu redor, ele pensava e agia sozinho, não devendo ser dependente de pessoas que o julgavam ser inferiores.

O MEB buscava não só conscientizar, mas também politizar. Ele emitia panfletos, realizava cursos de politização pelo rádio, fazia Cadernos de Politização, artigos em jornais que instruíam o povo a votar consciente. Vale ressaltar que o uso desse termo foi iniciado por conta do Setor de Politização do SAR em Natal. Com a formação na consciência de mundo o homem passaria a ter consciência política podendo formar grupos que mudassem a realidade em que eles viviam. Para tocar no assunto da politização sempre era posto como debate temas que envolvessem a miséria do lugar que o homem morava, tais como a fome, o analfabetismo, carência médica e etc. (PAIVA, 2009)

Os temas politização e conscientização foram inclusive bem discutidos no I Encontro Nacional de Coordenadores realizado pelo MEB, este redefiniu os seus objetivos “Considerando as dimensões totais do homem e utilizando todos os processos autênticos de conscientização, contribuir de modo decisivo para o desenvolvimento do povo brasileiro, numa perspectiva de autopromoção que leve a uma transformação de mentalidade e estruturas.” (FAVERO, 2006, p.80). Sendo assim esses dois termos foram extremamente importantes para a base do Movimento, faziam parte do foco do seu desígnio, estando presente antes, durante e depois da redefinição dos objetivos e da própria criação do MEB.

ANÁLISE DA CARTILHA

As cartilhas eram materiais didáticos utilizados pelo MEB para auxiliar nas aulas radiofônicas, servindo também para politização e conscientização dos alunos, em 1962 segundo Osmar Fávero (2006) era usado os folhetos Ler e Saber, o Caderno de Aritmética e até mesmo a Radiocartilha. Contudo tais materiais não eram bem vistos por terem problemas de metodologia, como este último citado que era usado tanto para crianças quanto para adultos. O próprio Paulo Freire criticava as cartilhas, mas percebia que elas poderiam ser muito importantes para o meio rural, pois os alunos já estavam acostumados com esse método

e os monitores não tinham uma formação adequada no que se refere ao preparo didático-pedagógico.

Tinha-se em mente a melhoria dos materiais, introduzindo neles a alfabetização e ao mesmo tempo a conscientização, era necessário ensinar ao povo uma forma de ler o mundo e não somente as palavras. Para tanto no I Encontro Nacional de Coordenadores promovido pelo MEB, vários professores se juntaram para sanar o problema do material didático e criar uma cartilha apropriada para região Nordeste. Durante o ano de 1963 foram feitos os 2 livros para adultos intitulados *Saber para viver* e *Viver é lutar* e é justamente este último que iremos analisar.

A Cartilha “Viver é Lutar”, o segundo livro de leitura para adultos, de outubro de 1963 feito pelo MEB e disponível no acervo do CEDIC, um centro de documentação da PUC – SP que disponibiliza documentos da década de 1960 à 1980. Deste livro foram feitos 50 mil exemplares e distribuídos no Nordeste, na Amazônia e em Minas Gerais, ficando em circulação até 1965. O interessante da análise desta cartilha é perceber que ela foi criada tendo em vista principalmente o público nordestino, região na qual está inserida o estado do Rio Grande do Norte, na qual originou as escolas radiofônicas que são uma das raízes do MEB.

Vale salientar que Osmar Fávero (2006) analisou este documento em seu trabalho “Uma pedagogia da participação popular”, sua forma de análise seguiu a lógica de dividir as trinta lições, nas quais as três primeiras estariam relacionadas à compreensão do que é o homem, o mundo e as suas relações, estando elencadas nos assuntos referentes à família, comunidade e o povo. Da quarta até a sexta ele ressalta que são questionadas as condições de vida e da realidade, da oitava até a décima primeira são levantados assuntos referentes as condições de trabalho, da décima segunda até a décima quarta o personagem Pedro toma consciência de sua vida, na décima quinta à décima sexta o MEB mostra sua didática, da décima oitava até a vigésima primeira trata dos instrumentos de ação como escolas, sindicatos, cooperativas, voto, da vigésima segunda até a vigésima quarta o autor acentua essa divisão referenciando como assuntos o folclore, a arte popular e a cultura, na vigésima quinta até a vigésima sétima fala-se sobre a exploração numa ótica anti-imperialista, por fim o autor faz uma última divisão, salientando que da vigésima oitava até a trigésima lição é apresentado o realismo colocando o desânimo das horas difíceis e estimulando o aluno a vencer isso e continuar lutando. Sendo assim está foi a forma de divisão que Osmar Fávero analisou a cartilha.

Pensaremos o documento através de três pilares que o MEB prezava “Influenciar”, “Educar” e “Evangelizar”. Tentaremos lê-lo em cima dessas três palavras refletindo como ele

agia no meio social com o material didático. Mas antes de tudo vamos analisar a estrutura da cartilha, ela tem trinta lições, cada uma aproximadamente com duas folhas, sendo a primeira de abertura com uma foto que remete as frases que estão ao lado dela (Veja na imagem, por exemplo, como é a estrutura, existe a foto de uma família que dialoga com as frases ao lado, estas vem levantar assuntos sobre família e comunidade), tais aspectos estimulam o aluno a pensar sobre sua vida e o meio em que eles estão inseridos.

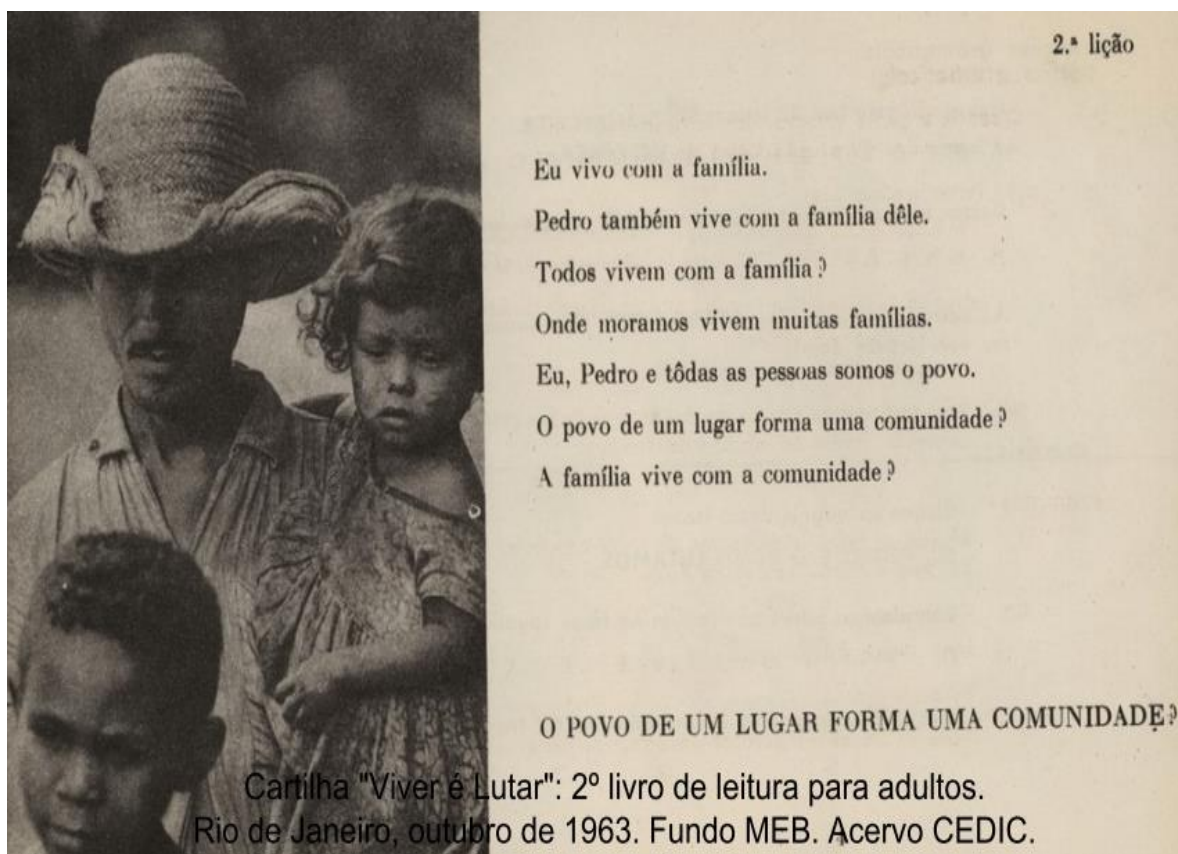


Figura 1 Folha da 2ª lição da Cartilha Viver é lutar. Fonte: Cartilha Viver é lutar: 2º livro de leitura para adultos. Rio de Janeiro, outubro de 1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

Na segunda folha estão inseridas as atividades e nessas é interessante atentar para os exercícios, o MEB sempre tenta inserir termos que levem o aluno a pensar, como no caso abaixo da primeira lição, pela qual é necessário riscar as vogais da frase “Eu, Pedro e o povo lutamos” e depois complementar com as letras a frase que formada ficaria “O Povo vive e luta”, tais frases estimulam aos alunos a continuar lutando por sua vida, que pode até ser difícil, mas através da educação pode se tornar mais fácil, esta lição não quer apenas que os alunos aprendam o alfabeto, mas quer que eles aprendam a continuar vivendo e lutando em meio as dificuldades de sua vida. Vejamos abaixo um exemplo disto:

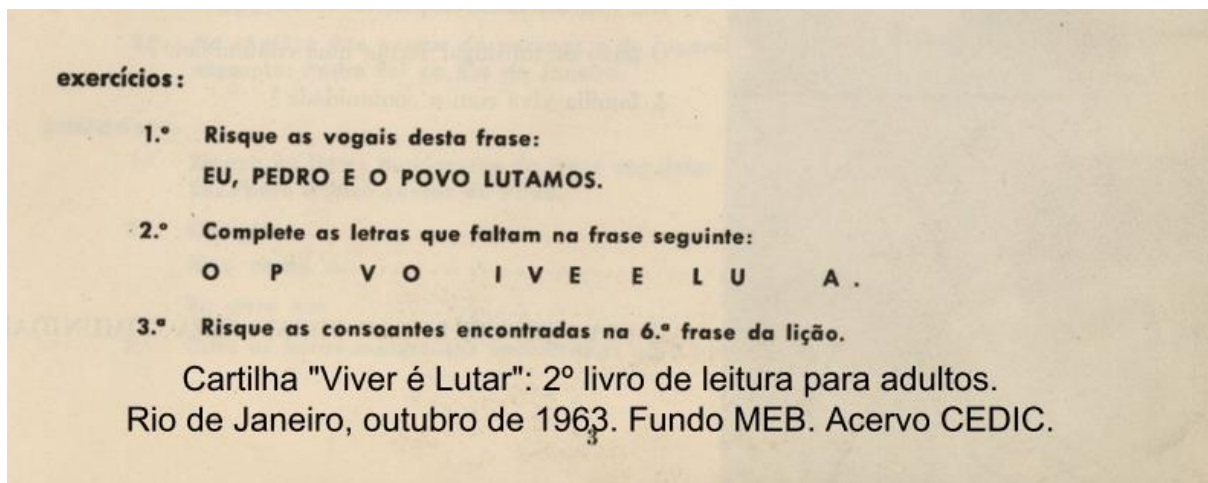


Figura 2 Folha de atividade da 1ª lição. Cartilha Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos. Rio de Janeiro, outubro de 1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC

Percebemos que essa estrutura de construção das lições são uma forma de educar e influenciar o aluno, pois ao longo das atividades são postas frases, exercícios e até situações que levam ele não só a aprender português, mas a ler o mundo em suas vivências. É interessante que no desenrolar das lições foi construído uma espécie de história na qual existem personagens (Pedro, Agripino e Xavier), e em determinadas lições eles ainda não tem contato com a educação e depois passam a ir às aulas radiofônicas e a partir disto ele cria uma consciência do seu mundo como na lição quatorze quando o texto introdutório é iniciado da seguinte forma “Pedro tomou consciência” (MEB, 1963, p. 28). Dai por diante assuntos como voto, sindicato, cooperativismo, cultura são postos em debate, porque o personagem e o próprio aluno já criaram consciência do seu meio. Essa é uma técnica utilizada pela cartilha para fazer com que o aluno possa ter a educação e a influência devida, mostrando que através de algumas medidas como o trabalho das cooperativas e a formação dos sindicatos, a vida do trabalhador rural melhoraria bastante.

Com o vínculo feito entre Estado e Igreja Católica pode ser percebido um pitada de religiosidade no material do MEB, que em quatro lições a palavra “Deus” é citada visando a reflexão de vida daqueles trabalhadores rurais de classe e educação mais baixa “O trabalho de todos ajuda o trabalho de Deus” (idem 1963, p. 6) “O homem precisa de Deus. Deus é Justiça e Amor. Deus quer Justiça entre os homens.” (idem 1963, p. 14), “E todos são homens. São filhos de Deus. Precisam viver como filhos de Deus” (idem 1963, p. 24), “DEUS QUER NOSSA LUTA” (idem 1963, p. 60). A primeira frase influencia o homem a trabalhar em comunidade, pois ele toma consciência que juntos eles farão o trabalho de Deus, mas no caminhar das lições percebemos que eles reconhecem a necessidade que homem tem de Deus

e que esse pede justiça entre, os homens, tendo em vista que a desigualdade da época era enorme, tanto que ao longo da cartilha aparecem referências à exploração no trabalho, como neste trecho da décima sexta lição “Alguns homens tem de sobra e muitos nada têm. Alguns ganham demais. Muitos trabalham e seu trabalho é explorado por outros.” (idem 1963, p. 32), pela qual podemos perceber claramente a desigualdade e a exploração, mas mesmo assim, a cartilha lembrava que Deus é Justiça, sendo assim todos devem ser justos, ainda mais, porque o homem era filho de Deus, sendo assim deveriam viver como tais. Na última lição a cartilha estimulava os homens a continuar caminhando e lutando, isso é tão forte que as letras são postas em caixa alta “DEUS QUER NOSSA LUTA” (idem 1963, p. 60).

Com a cartilha é possível entender claramente o sentido de conscientização e politização que o MEB desejava passar. O homem precisava tomar consciência de quem ele era, de quem era os outros que estavam ao seu redor, do próprio Deus e do mundo, tais aspectos são observados no caminhar da história de Pedro, principalmente quando ele toma a decisão de estudar e reconhece os problemas enfrentados pela sociedade, é como se o personagem retirasse a venda preta que estava nos seus olhos e que o impedia de enxergar. É exatamente isso que o MEB queria. Ele estimulava o aluno a ver o mundo como realmente era, sem máscaras ou maquiagens. Para tanto também estimulava a politização através de lições que envolvessem assuntos relacionados ao voto como na décima nona lição pela qual ele cita “Chegou o tempo de eleição. Chegou o tempo de eleger os governantes. Eleição é escolha. O povo deve escolher seus representantes. Escolher representantes de todo o povo. Todo o povo vota? Porque analfabeto não vota?” (idem 1963, p. 38), e na vigésima lição “Voto é consciência. Voto é liberdade. Consciência não se vende.” (idem 1963, p. 40) Neste trecho a conscientização da politização é clara, o MEB instigava o povo a votar e votar naqueles conscientemente, sem ser deixado levar pelas trapaças eleitorais, a politização da cartilha está contida do aspecto do voto. Portanto através das cartilhas, que ajudavam a desenvolver o ‘educar’, o ‘influenciar’ e o ‘evangelizar’, o MEB propunha não só uma alfabetização, mas também a criação e ampliação da conscientização e da politização do povo analfabeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível perceber as décadas de 1950 e 1960 foram marcadas pela criação de uma série de movimentos sociais que buscavam a diminuição do analfabetismo no Brasil, um deles foi o Movimento de Educação de Base (MEB) que teve suas origens concentradas nas

Escolas Radiofônicas, principalmente das norte-rio-grandenses, que surgiram através do Movimento de Natal, conhecido assim pela historiografia. Tais movimentos visavam o desenvolvimento do homem em relação a alfabetização e a construção de sua conscientização e politização.

Percebemos que o material disponibilizado pelo MEB e juntamente com os seus pilares de educar, influenciar e evangelizar era posto em prática a politização e a conscientização mostrando ao homem que nesse mundo ele tem voz, vez e lugar para viver. O MEB ajudou os brasileiros a abrir seus olhos para as situações indignantes que ele vivia e a origem disto, em certa parte, está nas escolas radiofônicas norte-rio-grandenses que desde seu início já lutavam para conscientizar e politizar através do rádio. Com as escolas e posteriormente com o MEB o povo não mais quis ser “burro”, eles queriam seguir seu caminho conscientes de que tinham espaço no mundo, eles queriam mudar e também desejavam que todos os Pedros, Agripinos e Xavier no Brasil também pudessem ter a chance de continuar mudando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja e desenvolvimento*. São Paulo: CEBRAP, 1971.

FÁVERO, Osmar. *Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base 1961/1966*. Campinas: Autores Associados, 2006.

FERRARO, Alceu Ravanello. *Igreja e desenvolvimento - O movimento de Natal*. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

FERRARO, Alceu Ravanello. *História do analfabetismo no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009.

PAIVA, Marlúcia Menezes de. (Org) *Escolas Radiofônicas de Natal: uma história construída por muitos (1959-1966)* Brasília: Liber Livro Editora, 2009.

PEIXOTO, Renato Amado. A Verdadeira Liga Extraordinária e a História do Brasil em Quadrinhos. In. Braga, Amado; Modenesi, Thiago (Org.). *Quadrinhos & Educação*, Vol1: Relatos de Experiências e Análises de Publicações. Recife: Faculdade dos Guararapes, 2015, p. 139-158.